

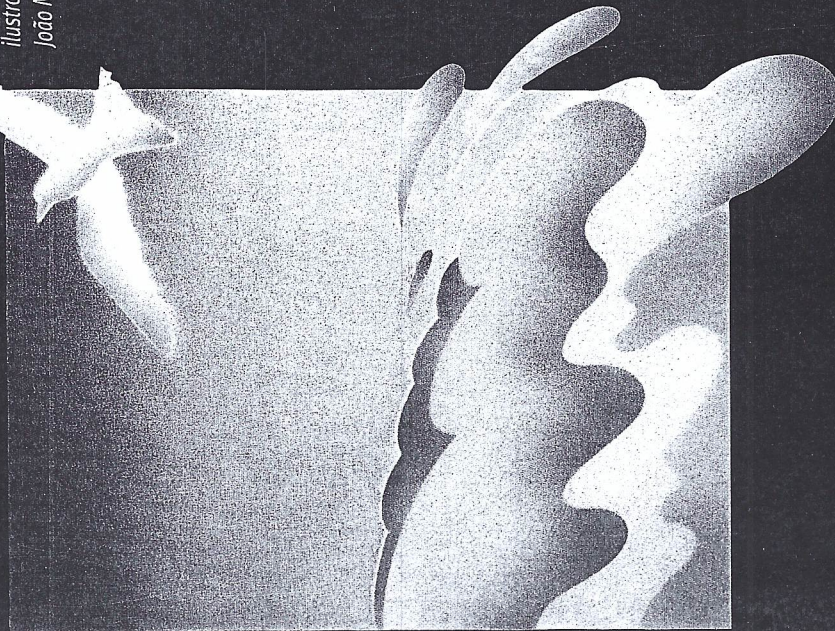


Os livros da SÉRIE VERDE da coleção ASA JUVENIL
são recomendados para crianças dos 7 aos 10 anos.

Ilse Losa

Viagem com Wish

ilustrou
João Machado



EDIÇÕES
ASA



9 789724 121697

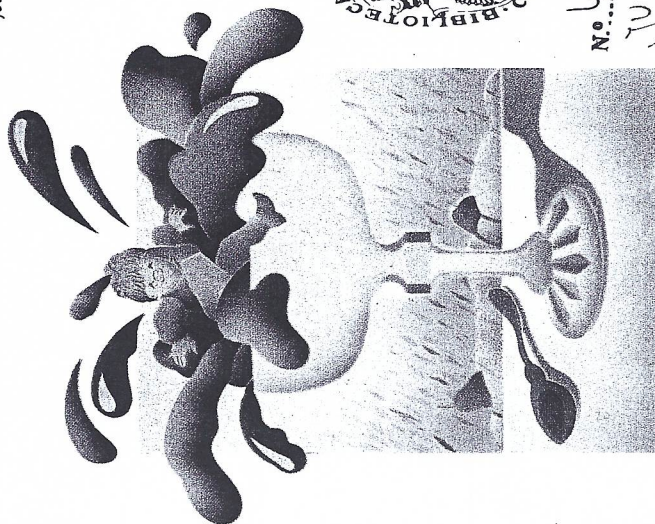
9789724121697

JUV
8 8
(ASA)

Ilse Losa

Viagem com Wish

ilustrou
João Machado



N.º 688045
JUV 8 (ASA)

EDIÇÕES
ASA

© Edições ASA, 1984

ISBN: 972-41-2169-0

Depósito Legal N.º 142742/89

Fevereiro de 2001/4.ª Edição

Execução Gráfica

EDIÇÕES ASA, S.A.

Rio Tinto/Portugal

ASA Editores II, S.A.

SEDE

Av. da Boavista, 3265 - Sala 4.1
Telef.: 22616030 Fax: 226155346
Apartado 1035 / 4101-001 PORTO
PORTUGAL

E-mail: edicoes@asa.pt
Internet: www.asa.pt

DELEGACÃO EM LISBOA

Av. Dr. Augusto de Castro, Lote 110
Telef.: 218372176 Fax: 218597247
1900-563 LISBOA • PORTUGAL

viagem com

WISH

O calor era sufocante. João vinha da escola mal humorado. O exame de inglês corra-lhe mal. "Que diabo", disse de si para si, "podia ter feito melhor. Mas com um calor destes, como é que se põe a cabeça a trabalhar direito?"

Não lhe apetecia ir para casa. O avô Felisberto, ao saber do seu es-tenderete no exame de inglês, iria torcer a bigodada e carregar o olhar de tristeza. Era bom sujeito, esse avô; custava-lhe vê-lo triste... Para já o melhor era ir para a praia.

Chapinhando e nadando no mar, João serenou e, na brincadeira com os amigos, quase ia esquecendo o falhado exame de inglês. Dali a pouco sentiu-se cansado. Também tinha fome, mas como não trazia

nada consigo para trincar, resignou-se: "Fica para logo. Paciência..." E estendeu-se de costas, na areia, à sombra dum rochedo.

Com os braços debaixo da cabeça, pôs-se a observar as gaiotas que voavam sobre o mar: lenta e brandamente batiam as asas prateadas; deixaram-se, depois, flutuar no espaço como se não tivessem peso para, em seguida, voltarem a bater as asas com a mesma lentidão e brandura... num alternar contínuo de movimento e de paragem.

— Não sejas preguiçoso. João — ouviu dizer uma voz. — Anda daí comigo.

— Para onde? — perguntou João espontaneamente.

E só depois de ter perguntado reparou que ao seu lado estava uma linda rapariga com asas nos ombros e uma coroa de flores na cabeça. Como se fosse a coisa mais natural do mundo, ela respondeu:

— Para a Ilha Desejada.

— Para a Ilha Desejada?! Como é que se vai lá ter?

— Voando — disse ela.

João pensou: "Quem será?! E disse:

— Eu não sei voar, menina...

— Chamo-me Wish. Sabes como se escreve?

Como João não tinha a certeza, achou melhor ficar calado. Então ela soletrou:

— W-i-s-h.

— Ai de mim! Escrevi wish com um x! — exclamou João

— Com o x de xadrez?

— Sim, com o x de xadrez.



— Saíste-me um lindo trapalhão, não há dúvida! Mas agora vamos voar.

— Eu já te disse, Wish, não sei voar.

— Mas desejavas, não desejavas?

— Se desejava!

— Então diz três vezes: I wish, I wish, I wish.

— I wish, I wish, I wish.

No mesmo instante, João sentiu-se ficar leve, leve, cada vez mais leve. Moveu os braços e, sem saber como, desprendeuse do chão. Subiu, subiu... estava a voar.

Wish, voando ao seu lado perguntou:

— Então que tal, João?

— É espantoso! Melhor do que pensei. Nem sequer estou enjoado.

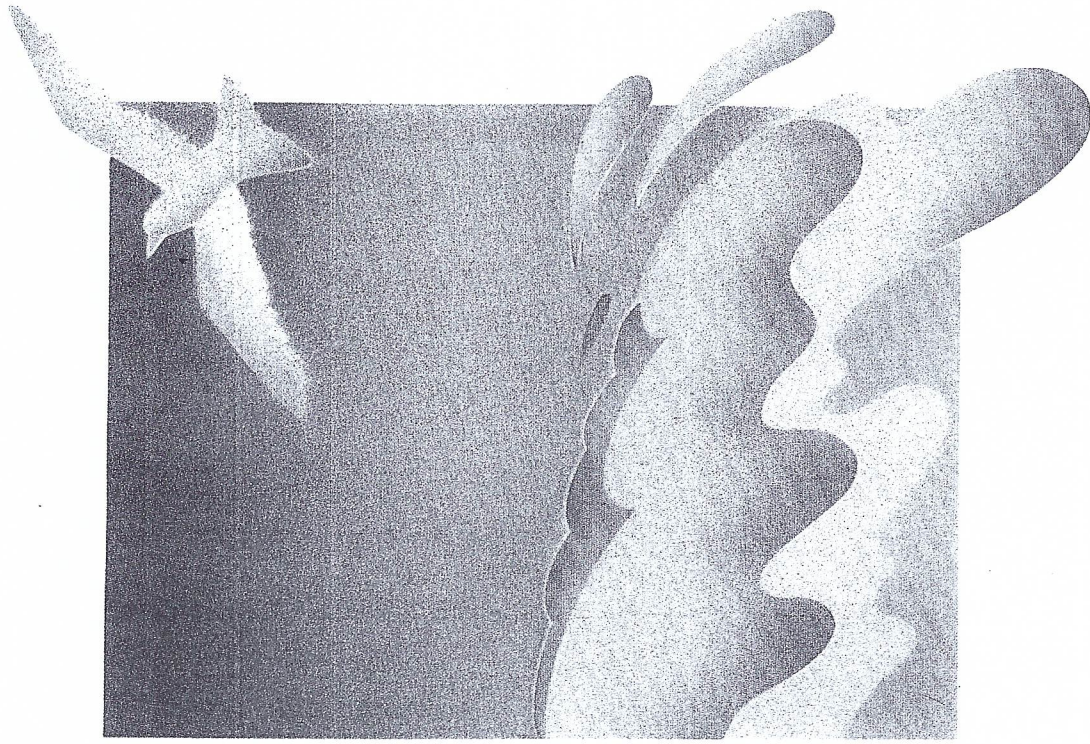
— E porque é que havias de estar enjoado?

— Porque costume enjoar nos comboios e nos barcos, e quando fui uma vez de avião a Lisboa, também enjoei.

— Ora, ora! Barcos, comboios, aviões! Que horror! Ou largam fumo ou fazem barulho ou cheiram mal. Voar como os pássaros não é coisa que se compare com viajar em engenhocas inventadas pelos homens.

— Acho que tens razão, Wish — disse João, feliz por se saber na categoria dos pássaros.

Lá em baixo, o mar, uma imensa toalha azul, tão azul como o próprio céu.



- Não estás a ver nada de especial? — quis saber Wish.
- Vejo o mar, da cor do céu. Parece uma imensa toalha azul.
- Wish tirou da manga um çanudo e estendeu-lho. Cheio de figurinhas pintadas, fazia lembrar o caleidoscópio que João tinha em casa.
- Dá uma olhadela, disse Wish.
- João fechou um dos olhos e com o outro espreitou pelo çanudo. Viu o que já vira antes, água azul e água azul. Mas apontando o çanudo para cá e para lá, acabou por detectar mais alguma coisa.
- Vejo uma ilha! Pequena e redondinha. Parece um bolo rei em cima da toalha azul, estendida para uma festa.
- Stop! — ordenou Wish.

João cessou de mover os braços e sentiu-se cair, cair, cair...
Pumba. Caiu dentro duma taça de mousse de chocolate. Maravilha das maravilhas. Sem cerimónia pôs-se a comer.

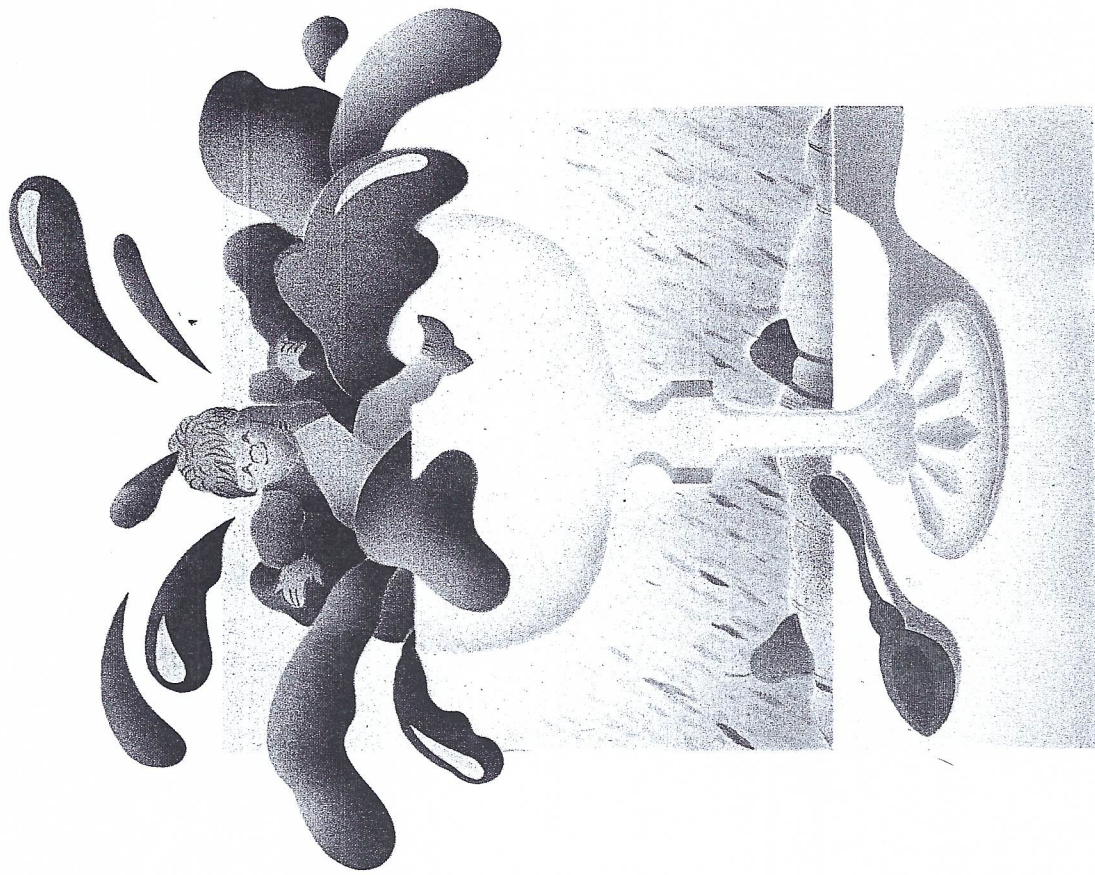
- Basta! — disse Wish. — Mousse de chocolate faz-te engordar.
- E que tem isso? — disse João.

Mas como Wish levantasse o dedo indicador e franzisse a testa, o que não lhe ficava nada bem, ele resolveu saltar para fora da taça.

Vendo-o besuntado de cima abaixo, Wish exclamou:

- My goodness!
- Não fales inglês, Wish! O maldito exame já acabou!
- Acabou mesmo? — zombou Wish e o seu riso era como o tilintar de sinetas.

Nisto passou uma pomba a voar. A plumagem reluzia-lhe em cores suaves e, ao cortar o ar, emitia sons agudos, como se tocasse píforo.

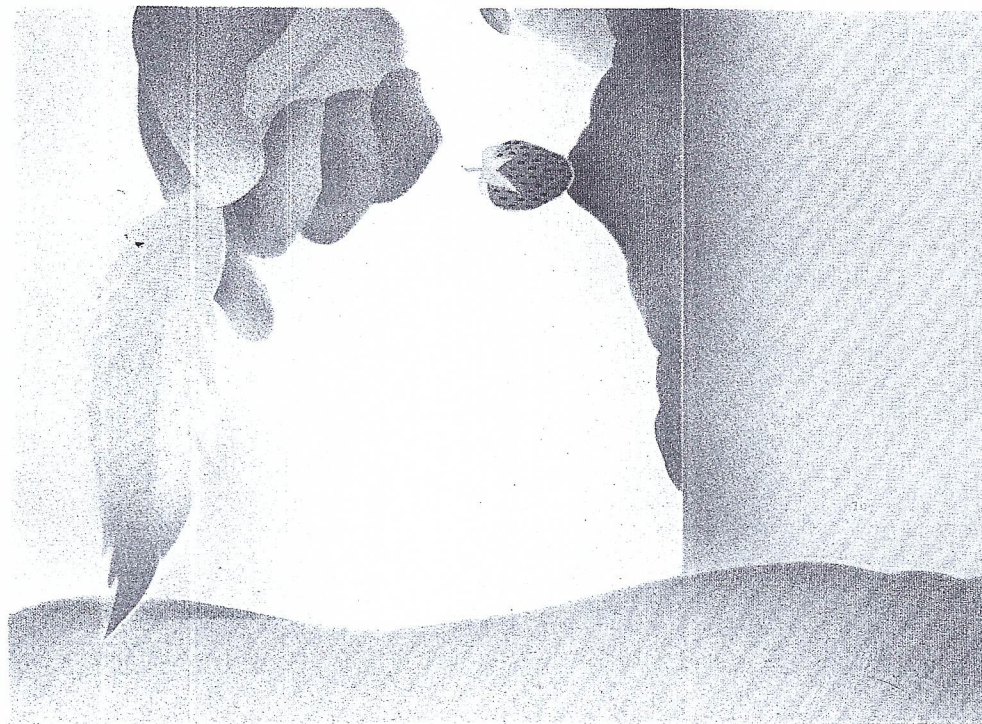


No momento em que executou uma curva com a graça das bailarinas, Wish esticou o braço e, num gesto rápido, arrancou-lhe uma pena. Com ela tocou no fato de João. Prontamente este não só ficou limpo, como até brilhante.

— Ena! — exclamou João. — Nem as máquinas de lavar!
 — Lá estás tu João — disse Wish, arrelliada — Máquinas de lavar!
 — Desculpa, Wish, mas até na televisão se diz bem das máquinas de lavar.

— Faziam melhor dizer bem das penas da nossa pomba Amor?
 — Chama-se Amor?
 — Chama-se Amor.
 — E porquê?
 — Porque consta que não há criatura no mundo tão fiel ao companheiro amado como a pomba.
 — E isso é mesmo assim?
 — Até à data ninguém provou o contrário.
 — Então a pomba Amor tem companheiro, não é verdade?
 — Claro que tem. Chama-se Love.
 — E Amor e Love têm filhos?
 — Dois, o Amor e a Liebe.
 — Uma família amorosa — achou João, um tanto trocista.
 — Uma família apaixonada — disse Wish, muito séria, suspirando.

João olhou em redor e, que surpresa!, viu pinheirinhos cobertos de filhós.



— Gosto muito de filhós — disse — mas não sabia que cresciam nos pinheiros. A minha mãe prepara-os com farinha e ovos, frita-os em azeite, e depois passa-os por uma calda de açúcar.

— Aqui não se frita coisa nenhuma. Aqui tudo cresce na natureza.

— É boa... — disse João.

— É admirável. — disse Wish.

João concordou que era admirável haver filhós nos pinheirinhos e perguntou se podia provar um.

— Quantos quiseses — respondeu Wish.

João não esperou por segundo convite. Colheu dum ramo, que de tão carregado se vergava até ao chão; um filhó tão amarelo como um pintainho e embebido de calda de açúcar.

Estava precisamente a limpar, com a língua, os beijos e as pontas dos dedos, quando surgiu diante dele um rapaz com um maço de jornais debaixo do braço. Estendendo-lhe um exemplar, perguntou:

— Queres?

— Quero sim. Quanto custa?

— Um aperto de mão.

— Estou pasmado, disse João. Pegou no jornal cujo título era "Bom dia", e apertou a mão do rapaz.

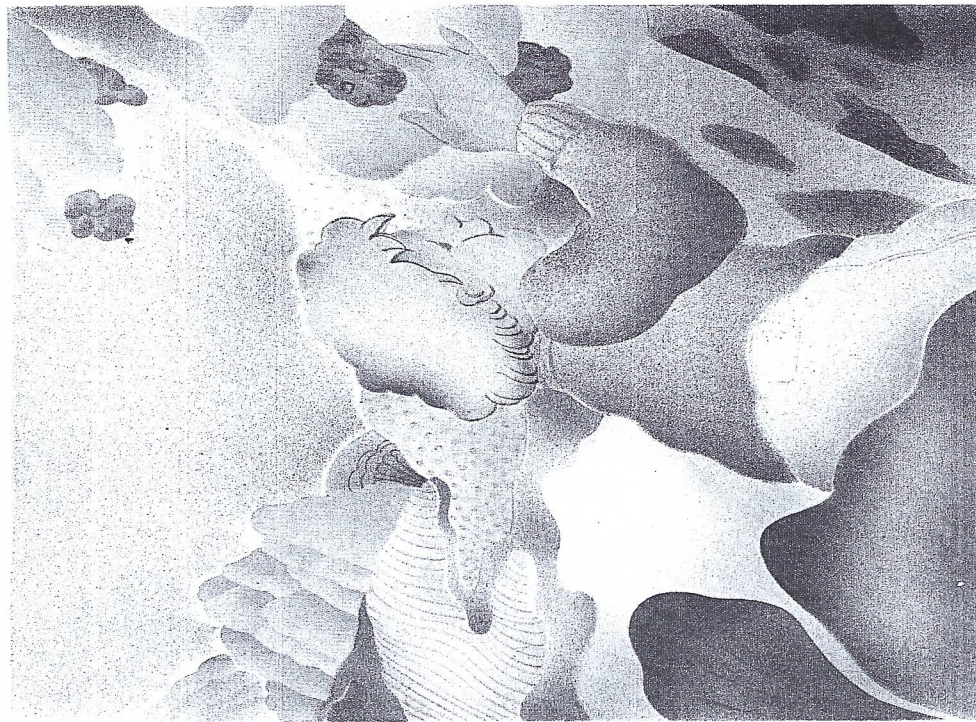
— Estás pasmado porquê? perguntou este.

— Por me dares o "Bom dia" em troca dum aperto de mão.

— Não achas bem?

— Acho ótimo.

— Como te chamas?



- João. E tu?
- Tom.
- Tom Sawyer?
- Esse é das histórias. Eu sou eu mesmo: o Tom.

João abriu o jornal e a primeira notícia que leu foi:

Para alegria dos habitantes da Ilha Desejada a colheita do fiambre, queijo e marmelada foi este ano superior à do ano passado.

– Está-me a crescer água na boca – suspirou e virou para a página central. Lá dizia, em letras gordas, coloridas como o arco-íris:

AMANHÃ

No Jardim dos Tremoços:

O Circo *Come On*

Elefantes, cavalos,

cães, gatos, o Sapo Teobaldo

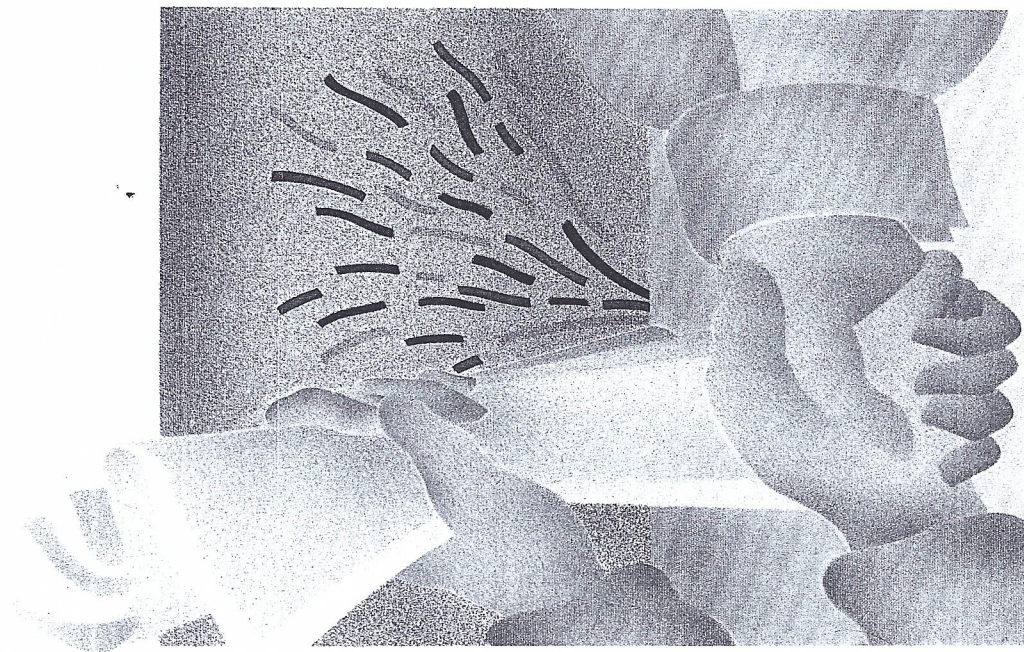
E os Marretas!

Astérix e Obélix oferecerão a toda a gente uma porção mágica.

– Também a mim? – perguntou João.

– Pois claro, também a ti. Isto é: se ainda cá estiveres.

– É lógico – disse João.



Depois percorreu com os olhos as demais folhas do jornal e leu:

- * Basta imaginar
um pássaro para o aprisionar
e depois imaginar o ar para o libertar
e imaginar asas para ele voar
e imaginar uma canção para ele cantar.
- É bonito — disse. — Vem no meu livro de leitura. Mas não há notícias de guerras.
- Aqui não se fazem guerras. Por que é que se haviam de fazer?
- João pôs-se a pensar. Mas, por mais que pensasse, não lhe ocorreu uma resposta.
- Não sei dizer, Tom.
- E achas que vale a pena dar notícias das coisas que não se sabe para que é que se fazem?
- Nisto ouviu-se rir. Riso que parecia mais o ladrar dum cão rouco. Es-tu-facto João perguntou:
- Quem é que se está a rir, Tom?
- Mas Tom já não estava lá. No ar flutuavam folhas soltas do "Bom dia" como se fossem tapetes voadores.
- João virou-se para o outro lado e viu uma cabeçorra redonda, sem



orelhas, de grande bigodada e, sobre cada um dos olhos, um semi-círculo branco.

— Wish! Onde é que te meteste, Wish? — chamou.

— Deixa lá a tua Wish — disse o bicho da cabeça sem orelhas. — Tens medo de mim?

— Eu? Medo de ti? — disse João armando-se em valente. — Até te acho parecido com o meu avô Felisberto.

— O teu avô Felisberto é foca como eu?

— Não é foca. É homem. Mas tem a cabeça muito redonda e uma bigodada. Tal como tu.

— Gostas desse teu avô Felisberto?

— Gosto, sim senhor. Só que por vezes, não muitas, é um pouco maçador.

— Maçador, porquê?

— Porque me está, a cada passo, a apregoar o seu "João, o saber não ocupa lugar".

— Não é mau pregador, acho eu.

— Mas repete sempre o mesmo: João, o saber não ocupa lugar. Já disseste isso mil vezes, avô Felisberto, digo-lhe eu.

— E ele?

— Melhor mil vezes do que nenhuma vez.

— Bem respondido, sim senhor! Homem fino, esse avô Felisberto. Olha João, já que sou tão parecida com ele, podias também gostar de mim, podes?

— Claro que posso — respondeu João, dando-se ares de generoso.

Depois acrescentou: — Mas devo dizer que o meu avô Felisberto tem orelhas, e bem grandes. Nem sei como tu consegues ouvir o que te estou a dizer. Não tens orelhas.

— Não tenho orelhas, mas tenho ouvidos. Há coisas que não se vêem, mas que existem, percebes, oh meu espertalhão. E já agora dizê-lá, tu achas bonitas as conchinhas abolachadas que tens aí, coladas a cada lado da cabeça?

João coçou-se atrás da orelha direita e depois atrás da esquerda:

— Olha foca, onde é que tu te coças quando não sabes o que dizer?

— Eu cá sei sempre o que dizer. Por isso não preciso de me coçar.

— Como te chamas, foca?

— Chamo-me Seal.

— Mas que seca! É inglês.

— E bom inglês, John.

— Não sou John, sou João — disse João, num tom irritado.

Seal soltou de novo esses estranhos sons roucos, desta vez não para se rir, mas para resmungar. Viram-se-lhe, debaixo da bigodada, os penquenos dentes ponteagudos.

— Ora, ora! Afinal também tu és um pouco maçador, João.

Em seguida refastelou-se sobre a rocha com a volúpia da Rainha Cleópatra do Egipto, que João vira, havia dias, num filme da televisão.

As barbatanas dianteiras pendiam-lhe moles do corpanzil coberto de espesso pêlo brilhante. Sem fazer o mais pequeno movimento, e piscando o olho, disse:

— Adoro estirar-me ao sol. Acho que sou a criatura mais preguiçosa desta Ilha.

— Mas apesar disso aprendeste inglês.

— Essa agora! Se não tivesse aprendido inglês, não me chamava Seal. Ou já viste alguém chamar-se Seal que não soubesse inglês?

— Mas como é que alguém tão preguiçoso consegue aprender inglês e fazer o exame?

Agora Seal riu alto e o seu riso fazia lembrar o berrar dos bezeros:

— John, desculpa, João. Enfim, João, estou a ver que não fazes a mais pequena ideia de como é que se aprendem as coisas na Ilha Desajada. Exame!? Era o que faltava!

E com estas palavras Seal deixou-se deslizar para dentro de água.

De boca aberta, espantado, João viu como Seal nadava, mergulhava, dava rápidas voltas sobre si própria com a agilidade e a perícia dos campeões de natação.

— Vamos, vamos, João. Pareces um tolo no meio da ponte.

Era Wish, de novo ao seu lado, que assim dizia.

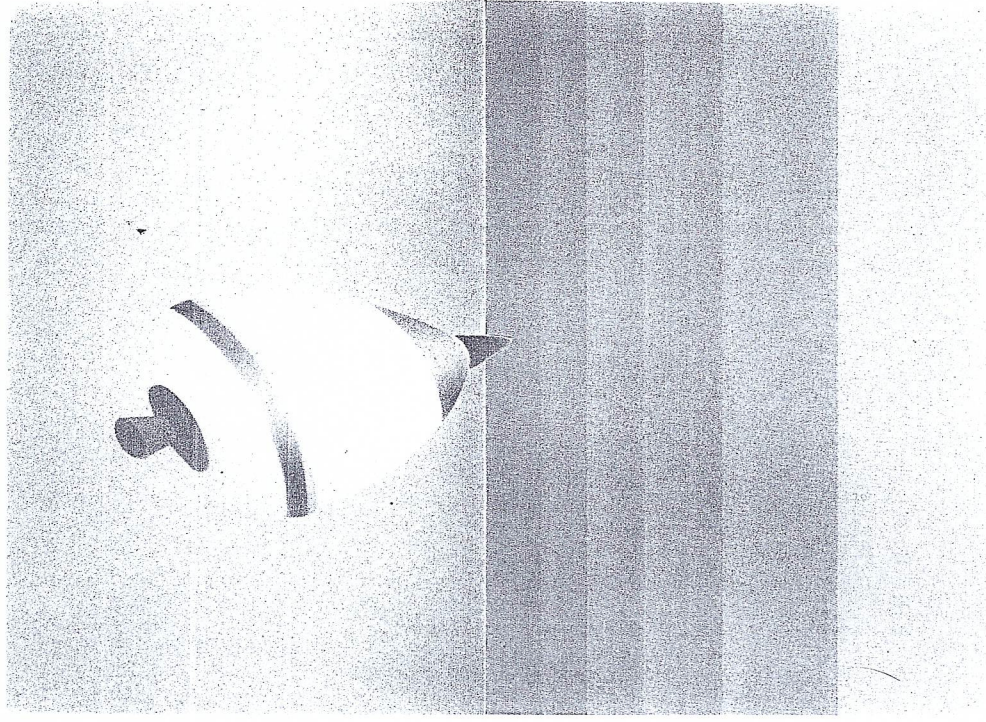
— Estou a admirar as habilidades do meu avô Felisberto.

— Do teu avô Felisberto?!

— Ai! Que estou eu a dizer. Da Seal.

— Que Seal?

— Aquela — disse João, mas no mesmo instante deu-se conta de que estava a apontar para um enorme pião transparente que girava sobre a ponta, zumbindo:



* Vai a galope o cavaleiro sem cessar

Galopando no ar sem mudar de lugar.

— Só ouço versos que vêm no meu livro de leitura — disse João.

Mas depois o que é que viu? Só imaginar! Viu dentro do pião gigantes uma quantidade de pequenos barquinhos com gelados.

— Gostas de gelado? perguntou Wish.

— Se gosto! Gosto mesmo mais do que de mousse de chocolate e de filhós.

— Então vai, serve-te, rapaz.

— Mas o pião não pára de girar.

Wish arrancou do vestido um botãozinho:

— Carrega-lhe com este botão.

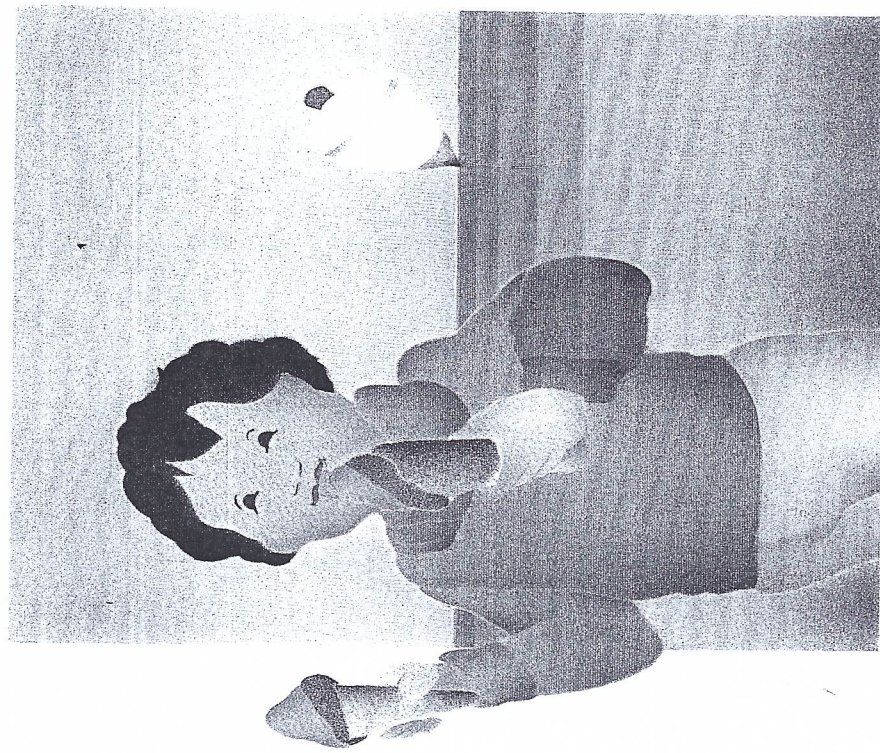
Foi o que ele fez e o pião parou de girar. João tirou dois gelados, um de baunilha e outro de morango. Comendo-os alternadamente, aprovou:

— Deliciosos! Feitos com nata. Mas como é que não derreteram, ali naquele pião sempre a girar.

— Aqui não há nada que derreta ou se estrague.

— Como nos frigoríficos?

— Sim, como nos frigoríficos. Só com a diferença de que nós aqui dispensamos esses vossos cofres brancos, frios, com portas tão fechadas, tão fechadas que nem um arzinho consegue penetrar lá dentro.



Então João lembrou-se de perguntar:

- Tu não gostas de portas, Wish?
- Portas? Para quê servem as portas?
- Para fechar as casas, as salas, os quartos.
- Casas, salas, quartos... Quem é que precisa de coisas tão complicadas?
- As pessoas. Para lá morarem, comerem, dormirem. Onde é que as pessoas aqui moram, comem, dormem?
- Onde lhes apetece: nos bosques, nos relvados, na praia...
- Estupendo! disse João. — Mas quando chove? Onde é que se abrigam?

- Não se abrigam. Molham-se.
- Então ninguém tem guarda-chuva?
- Claro que não.
- Que grandes felizardos!
- Não gostas de guarda-chuvas, João?
- Detesto. São trambolhos. Só servem para a gente os perder.

Surgiu um magote de meninos a cantar. Ao darem por João, cumprimentaram-no:

- Olá, João!
- Como sabem eles que me chamo João? Não são da minha turma.
- Foi a pomba Amor que lhes disse.
- Onde é que eles vão?
- Ao Jardim da Sabedoria.
- O que vem a ser isso?

— É o lugar onde se colhe, nas mais variadas espécies de árvores, de sebes, de flores, e de hortalíça, tudo o que é preciso saber-se. Os meninos, que tu viste ali, trincam um bago ou bebem uma gotinha de sabedoria todos os dias.

- Mesmo de matemática e de gramática?
- Mesmo de matemática e de gramática.
- E também de inglês?
- Pois claro, também de inglês.
- Ah, agora sei como a preguiçosa Seal aprendeu o inglês. Mas disse, Wish, depois de os meninos terem colhido e engolido a lição o que é que fazem?

— Brincam, jogam, lêem, fazem música, dançam e o que mais lhes vier à ideia.

— Assim, sim Wish! Assim eu também queria.

Wish riu-se e o seu riso parecia vir de longe como que o eco da sua própria voz.

— Wish, porque é que aqui tudo é diferente do que em outra parte do mundo?

E Wish contou:

— Há milhares de anos atrás, os santos e os anjos, lá do céu, deram uma festa tão fabulosa, tão divertida que — assim consta — nunca mais ouve outra igual. Por isso ela ficou registada no livro d'Ouro das Coisas-Inesquecíveis. Ora, S. Pedro, nesse dia o mais animado de todos, abriu uma monumental garrafa de vinho espumoso, e com tal força que o vinho fez saltar a rolha que ela atravessou o espaço com a ve-

lidade do raio e veio pousar aqui no mar. Pois, João, tu estás em cima duma rolha vinda direitinho lá de cima, do céu azul.

Vendo João de boca aberta e de olhos esbugalhados, Wish disse:

— Que cara é essa, João?

E depois colheu uma tulipa fina e transparente como cristal.

Estendeu-lha:

— Bebe, rapaz. Vai-te fazer bem.

Pouco convencido, João levou o delicado cálice à boca e bebericou um golinho. Mas tanto bastou para que se apercebesse de que nunca antes provara bebida tão deliciosa. Bebeu o resto dum trago.

— Sabes o que é que estiveste a beber, João?

— Não sei, Wish.

— Nectar.

— Nectar? A bebida dos antigos deuses gregos?

— Bravo! Bravo! Acertaste.

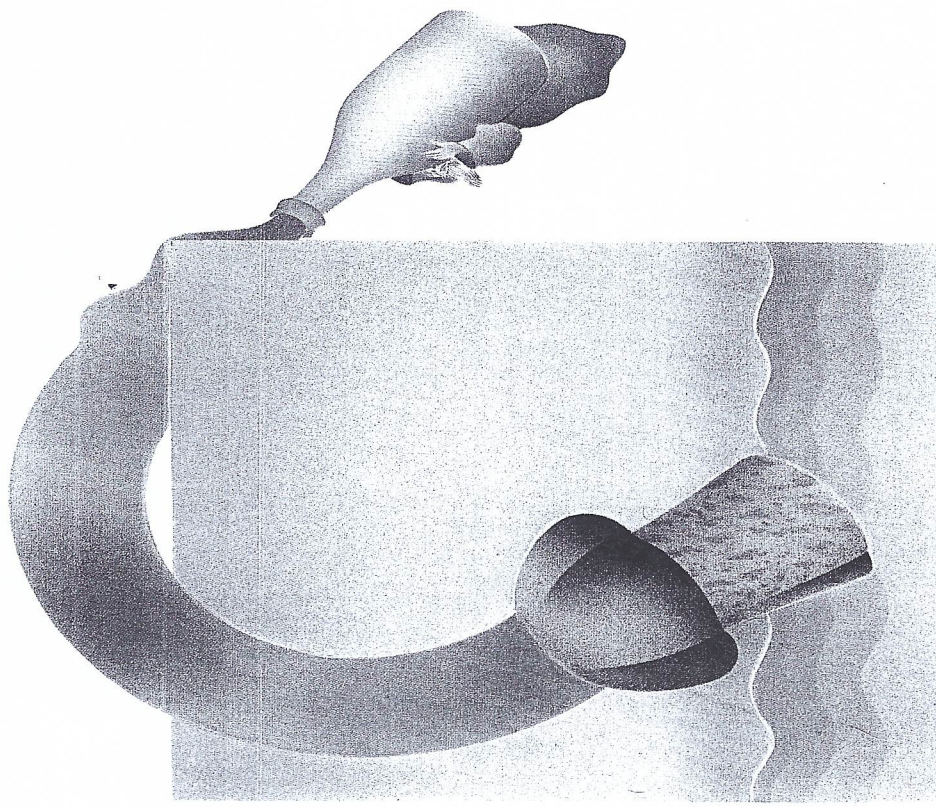
— É que... é que... foi na lição de História... o professor...

João não conseguiu falar direito. O que é que lhe estava a acontecer?

E, de repente, sentiu-se lançado para o ar, com um tal ímpeto como se fosse a bala duma espingarda.

"Estarei transformado num foguetão? Vou dar a volta à Terra? À Lua? A Vénus? Eu, que sou um pássaro?"

Perguntas que passaram pela cabeça de João enquanto atravessava um amontoado de nuvens. Mas nisso, num abrir e fechar de olhos, despenhou-se lá do alto e pensou: "Agora sou um paraquedista"



Mas logo em seguida gritou:

— Onde ficou o meu guarda-chuva? Ai não! O guarda-chuva não! O meu pára-quadras! O meu pára-quadras! Wish! Wish! Ajuda-me!

Ninguém respondeu. João fechou os olhos e tapou os ouvidos como costumava fazer quando tinha medo — e tumba! Caiu direitinho na areia.

Abriu os olhos. Estava inteiro.

— Uma aterragem bem feita, sim senhor!

O elogio era para Wish. Mas onde estava ela?

— O que te aconteceu, pá? Estás com cara de quem perdeu o Norte.

Eram os companheiros da praia.

— Voltei duma viagem.

— Duma viagem?

— Sim, duma viagem. Duma viagem com Wish.

— Com quem?!

— Com Wish! Uma linda rapariga, por sinal. Escreve-se W-i-s-h e não com o x de xadrez.

Entreolharam-se, desconfiados. Estaria o João no seu juízo perfeito? E perguntaram:

— Onde é que tu foste com essa tua Wish?

— À Ilha Desejada.

Pasmados, boquiabertos, nem sabiam o que dizer.

— À Ilha Desejada, repetiu João. Podem acreditar. E a propósito: Alguém de vós tem alguma coisa para comer? Uns filhós, por exemplo?

— Filhós? Aqui na praia, filhós?

— É mousse de chocolate?

— Está com a mania das grandezas, disse uma rapariguinha e abanou com a cabeça.

— E nem sequer um gelado? perguntou João, um tanto desesperado.

— Gelados! Gelados! Uma maravilha, uma perfeição de gelados!

Era o sorveteiro com o seu carrinho branco.

“Foi a Wish quem o mandou cá”, pensou João e pediu:

— Um de baulilha, outro de morango.

Sorrindo satisfeito, o sorveteiro encheu dois barquinhos e estendeu-lhos, mas quando João se levantou para pagar com um aperto de mão, ficou deveras atropalhado.

— Desculpe! — disse João. — É que eu... É que eu...

Ficou-se por ali e apressou-se a tirar do bolso o dinheiro para pagar o que devia.

Os companheiros seguiram-lhe o exemplo e pediram: um de baulilha e outro de morango para cada um de nós.

Depois, sentados em volta do João e comendo os gelados, ouviram-lhe contar a sua extraordinária viagem com Wish.

FIM

